

Projeto Laborar – Saúde do Trabalhador ⁽¹⁾

Introdução

Após um percurso de mais de dez anos de pesquisa sobre trauma, violência, exclusão social, herança e transmissão da subjetividade o *Grupo de trabalho e pesquisa em Psicanálise e Contemporaneidade* (GTPPC), parte do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, tem se dedicado, nos últimos três anos, às questões ligadas à saúde mental do trabalhador, para o que tem acrescido aos referenciais da psicanálise os conhecimentos da psicopatologia e da psicodinâmica do trabalho.

Alguns de seus membros animaram-se em utilizar o instrumental psicanalítico ao modo de Dejours para atender trabalhadores adoecidos psicologicamente em função do modo de gestão do trabalho. Assim, formou-se um grupo, ligado ao Grupo de trabalho e pesquisa em Psicanálise e Contemporaneidade, que chamamos de “Grupo de pesquisa e intervenção: Trabalho e psicanálise”.

Este grupo realizou, no último ano, um estudo através de leituras e debate de artigos escritos por brasileiros como Oliveira (2005), Lima et al. (2002), Borges et al (2001) ; por latino americanos como Matrajt (1999/2002) , além de artigos e livros do próprio Dejours. Além disso, o GTPPC se reuniu no último ano, por duas vezes com o psiquiatra, psicanalista, professor do Conservatório de Artes e Ofícios, e diretor do Laboratório de Psicologia do Trabalho da França - Cristophe Dejours.

Justificativa

No Brasil, segundo dados do Ministério da Previdência Social são registrados em média 700 mil casos de acidente de trabalho por ano. Em primeiro lugar, são casos de fraturas, luxações, amputações. Em segundo lugar encontram-se as lesões por esforços repetitivos (LER) e distúrbios osteomusculares

(DORT). E em terceiro lugar, encontram-se os transtornos mentais e de comportamento, com episódios de depressão, ansiedade ou estresse.

Segundo dados do Ministério da Saúde as causas de acidente e doenças do trabalho são: maquinário antigo e sem dispositivos de proteção, tecnologia ultrapassada, mobiliário inadequado, ritmo de trabalho acelerado, assédio moral, cobrança exagerada e desrespeito a diversos direitos.

Diante dessa circunstância, uma nova política nacional de segurança e saúde do trabalhador foi criada em 2011 com foco na prevenção e não mais no tratamento e reabilitação. As ações são de três ministérios: Previdência, Trabalho e Saúde.

Apesar dessas ações podemos observar que os trabalhadores afetados por transtornos mentais referidos ao ambiente de trabalho tendem a ser atendidos, prioritariamente, numa perspectiva psiquiátrico - medicamentosa, sendo, na maior parte das vezes, excluída a compreensão do sentido subjetivo de seu sofrimento, como decorrentes de suas relações de trabalho, bem como de suas influências e determinações somato e psíquico - afetivas que, como sabemos, impactam no conjunto da personalidade.

De nosso ponto de vista, e conforme os autores que tomamos como referência, a vida psíquico-afetiva encontra-se completamente envolvida em todas as situações promotoras de acidentes do trabalho, seja nas situações que os antecede, no próprio acidente, ou nas suas consequências.

Nessa perspectiva priorizaremos o atendimento de trabalhadores cuja saúde mental tenha sido prejudicada e cuja sintomatologia se refira, originalmente, às consequências de suas relações com o ambiente de trabalho.

Referências bibliográficas

Para Miguel Matrajt e Christophe Dejours a relação entre o trabalho e os processos de subjetivação do trabalhador é intrínseca e central. Envolve uma busca constante de aperfeiçoamento e domínio, ainda que imaginário, sobre o seu objeto, requerendo ininterruptamente um bom preparo, disposição e

disponibilidade para o enfrentamento do ainda não conhecido e integrado, requerido pelos riscos constantes impostos por contratempos e imprevistos.

A necessidade, a demanda e o desejo requerem ainda do trabalhador criatividade, num investimento permanente do indivíduo que, no exercício de sua função, busca encontrar a melhor resposta ao incomensurável gerado no cotidiano.

Este conceito de trabalho que relaciona a execução de uma atividade laboral com a permanente construção da subjetividade através de processos que descreveremos abaixo condensa o que chamamos de trabalho – psíquico e produtivo.

“ Quando a organização do trabalho entra em conflito com o funcionamento psíquico dos homens, “quando estão bloqueadas todas as possibilidades de adaptação (criatividade) entre a organização do trabalho e o desejo dos sujeitos” então emerge um sofrimento patogênico.”(Dejours, 1992, p. 10)

De modo sintético, segundo Dejours , as mudanças pelas quais a gestão do trabalho passou, na década de 80, visavam anular a imprevisibilidade através do trabalho prescrito. Toda e qualquer operação deveria seguir as recomendações dos manuais, como se todas as possibilidades de acontecimentos estivessem previstas. Esses manuais, de modo geral, eram feitos pelos engenheiros de produção que apesar de não operarem as máquinas, conheciam o processo produtivo. Na virada do milênio, novas transformações na gestão vieram. Desta vez, os protagonistas são os administradores de empresa que apesar de não conhecerem o processo produtivo, como os engenheiros de produção, estabelecem os parâmetros da produção, prioritariamente de forma quantitativa, estabelecendo planilhas de metas e resultados. De modo geral, podemos dizer que as formas de gestão do trabalho passaram do paradigma do capitalismo industrial comandado pelos engenheiros de produção, ao paradigma do capitalismo financeiro marcado pela abstração numérica, sem uma marca na concretude material do processo produtivo.

Essa virada traz grandes consequências para o trabalho na sua materialidade e, portanto na relação que o trabalhador mantém consigo, com os outros e com as operações que realiza no trabalho. Em outros termos, o trabalho vivo, trabalho criativo, aquele que empenha a personalidade do trabalhador e propicia que haja um bom desenvolvimento psíquico, afetivo e social é cada vez mais escasso e quando se dá não ganha reconhecimento no grupo social.

Uma das consequências dessa forma de gestão é a inação do sujeito diante do que emerge inesperadamente e, portanto, o embotamento do trabalho criativo, que se instaura quando há uma relação criada com o fazer do trabalho, impossibilidade do reconhecimento e, portanto, do pertencimento a um coletivo, promovendo o que chamamos sofrimento “ no e com “ o trabalho, pois, não permite que as capacidades do trabalhador se manifestem. Soma-se ainda a necessidade de negação desse sofrimento em cada um e em todos.

Dejours relata a realidade da organização e gestão de empresas estabelecidas na França, no entanto, devido à mundialização da produção, sabemos que as formas de gestão não variam muito, apesar de sofrerem ajustes conforme a cultura política local, bem como as políticas de proteção social de cada país.

A teoria psicanalítica que orienta nosso pensar descreve a constituição do Sujeito através da relação intersubjetiva que se institui desde os primórdios, com os pais ou cuidadores e o ambiente. Em varias etapas vão se processando a noção de Eu e de outro, e através de experiências relacionais e com o real organizam-se modos de obter prazer, realização e reconhecimento de capacidades. Este processo implica que abramos mão de algumas satisfações individuais, para participarmos de uma sociedade na qual nosso valor, em algum âmbito da experiência, possa ser compartilhado, valorizado, admirado e reconhecido.

A realização de um trabalho entra nessa categoria dos fazeres e realizações, que podem nos manter desenvolvendo ativamente habilidades e

promovendo desenvolvimento, através de processos múltiplos de subjetivação.

O que a impossibilidade de realização na atividade laboral pode produzir? Insatisfação e ansiedade são dois tipos de sintoma que o trabalhador vivencia. São produzidos por sentimentos de indignidade por estar no lugar de apêndice da máquina, despersonalizado. A tarefa torna-se desinteressante e sua execução um esforço enorme.

Executar uma tarefa sem investimento material ou afetivo exige a produção de esforço e de vontade, em outras circunstâncias suportada pelo jogo da motivação e do desejo.

Há também o sentimento de inutilidade, que se refere à falta de qualificação e de finalidade do trabalho, seja no aspecto do conjunto da atividade da empresa ou no aspecto da significação humana. Não representa nada para a família, nem para amigos, nem para o grupo social ou para um ideal social. Não são aspectos ligados unicamente aos salários e benefícios. Trata-se da imagem de si que repercute no trabalho.

A vivência depressiva alimenta-se da sensação de adormecimento intelectual, de anquilose mental (perda dos movimentos), de paralisia da imaginação e marca o triunfo do condicionamento ao comportamento produtivo.

Podemos pensar a relação do homem com o conteúdo significativo do trabalho sobre dois aspectos: o conteúdo significativo em relação ao Sujeito e em relação ao objeto.

Não há neutralidade dos trabalhadores em relação ao que produzem. Envolverá sempre uma quantidade de significados relacionais e mensagens implícitas dentro do próprio ambiente de trabalho e também na relação ao meio afetivo do trabalhador, se pode ou não falar de sua tarefa.

No campo do humano todo fazer - viver compreende significações essenciais para a manutenção do equilíbrio subjetivo.

Durante toda sua existência o humano busca e constrói formas de dar vazão à sua energia corpórea, pulsional, para realizar suas capacidades criativas e assim obter reconhecimento por elas. O trabalho entra nesse processamento por permitir, quando adaptado ao trabalhador, esse acréscimo de satisfação pela via do reconhecimento e da partilha com os companheiros de trabalho do saber que se constrói no fazer e que os sistemas de gestão robotizantes insistem em tentar anular.

Fadiga, carga elevada de trabalho e insatisfação: a organização do trabalho, concebida por um serviço especializado da empresa, estranho aos trabalhadores, choca-se frontalmente com a vida mental e, precisamente, com a esfera das aspirações, das motivações e dos desejos.

Quando a organização do trabalho provém do próprio operador a organização temporal do trabalho, a escolha das técnicas operacionais, os instrumentos e os materiais empregados permitem a ele, dentro de certos limites, adaptar o trabalho às suas aspirações e competências.

Todas essas formas de alienação da produção pela qual o homem vem passando desde a primeira revolução industrial, tem-se exacerbado em cada uma das novas formas de produção. Mas, atualmente é de outra ordem a alienação imposta. Não se trata mais de uma alienação da forma da produção, mas dos valores morais que permeiam as relações humanas. As duas formas de alienação convivem atualmente.

Hoje o paradigma do crescimento do capital não é mais a indústria, mas o capital financeiro, assim concomitantemente, não se trata mais de observarmos a organização da produção, mas a forma de gestão, sendo que as primeiras eram da competência dos engenheiros e a segunda dos administradores.

Portanto, também devemos requalificar o sofrimento no local de trabalho que hoje, para além daquele que aliena o sujeito não permitindo sua realização e subjetivação na produção (trabalho vivo), também exige uma submissão a forma de se relacionar segundo os valores, muitas vezes

perversos, da gestão. Esse fato requalifica o sofrimento do sujeito que impõe a si e é testemunha muda do sofrimento de outrem, como um sofrimento moral.

OBJETIVOS

- Tratar a saúde psíquica do trabalhador em sofrimento, com os recursos da psicanálise em grupo, e os aportes da psicopatologia e da psicodinâmica do trabalho, partindo do referente individual ao coletivo, e vice-versa, tendo em vista a criação de um espaço de trocas (intra, inter e trans subjetivas), a partir do qual nos seja possível escutar, associar, interpretar e integrar, aspectos inconscientes, pré-conscientes e conscientes, bem como os conteúdos da realidade objetiva dos participantes.
- Promover a interlocução com outros atores da área psi e visando nos aproximar da leitura que estão fazendo da gestão do trabalho e de seus impactos sobre o adoecimento psíquico no Brasil. Neste contexto seriam nossos interlocutores departamentos da universidade, Centro de Referência da saúde do trabalhador, unidades básicas de saúde etc;
- Promover a interlocução com diversos atores sociais com o objetivo de introduzir uma leitura da clínica psicanalítica sobre o sofrimento no local de trabalho e seus impactos, a fim de colaborar com a construção de ações e políticas, bem como, nos apropriarmos de leituras não-psi dessa realidade. Neste contexto, seriam nossos interlocutores: Sindicatos patronais e de trabalhadores, Poder público municipal, estadual e federal nas áreas de saúde, trabalho e previdência.

Objetivos específicos:

- Atendimento em grupo de trabalhadores adoecidos psiquicamente;

- Constituição de um grupo de estudos e pesquisa sobre o tema;
- Interlocução e realização do trabalho em parceria com a clínica do Sedes;

Metodologia:

Utilizaremos o método psicanalítico (escuta e associação livre) tendo como pano de fundo a trama do trabalho nas sociedades contemporâneas considerando a história singular de cada sujeito e os dados de realidade vividos por cada trabalhador.

Atenderemos por volta de 12 pacientes em grupo.

Frequencia : 1 vez por semana com duração de 2 horas

Bibliografia

Dejours, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora GV, 2007.

_____. "Subjetividade, trabalho e ação" In: **Trabalho e emancipação**. Brasília: Paralelo 15, 2012.

_____. **A loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do Trabalho**. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.

Borges, L.H.; Moulin, M.G.B.; Araújo, M.D. (organizadores). **Organização do trabalho e saúde: múltiplas relações**. Vitória: EDUFES, 2001

Lima, Maria Elizabeth Antunes; Assunção, Ada Ávila; Francisco, João Manoel S. Daniel. "*Aprisionado pelos ponteiros do relógio: o caso de um transtorno mental no trabalho*". In: **Saúde Mental e trabalho: leituras**. (Org. Jacques, Maria da Graça; Codo, Wanderley). Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2002.

Freud, S. *Sobre o Narcisismo: uma introdução*. 1914 In: Ed. Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____ *Além do principio do Prazer*. 1920. Vol. XVIII.

_____ *O ego e o Id*. 1923. Vol XIX.

_____ *O mal estar na civilização*. 1930. Vol. XXI.

Matrajt, Miguel. **Subjetividad, Trabajo e Institucion**. Universidad Autónoma del Estado de Morelos, Cuernavaca. México DF, 2002.

Matrajt, Miguel. "José et Omar". In: **Travailler**, no.3, Paris, 1999.

Oliveira, Francisco. "Do liberalismo à democracia Social: a desprivatização da democracia". In: **Os sentidos da democracia e da participação**. São Paulo, revista Polis, no 47, 2005.

www.brasil.gov.br/sobre/saude/saude-do-trabalhador/acidente-de-tabalho

WWW.mpas.gov.br